

DE LEO BARBOSA

IV

Na ânsia de
Decifrar a cifra
Me violei

VII

Como pode a noção de finitude
Invadir quando jovem?
Mastiga, corta, dilacera
Na ausência de rugas externas

Esse rio de ódio
Corre por dentro
Afundando a juventude

O silente coração
Grita por fora
A carência
É uma grande
Contradição.

XV

A solidão ganhou seu dia
De vida inteira diante da morte
Os brilhos só têm assombro

Os horizontes estão verticalizados
Perdi no ganho, ganhei na perda
Os contrários me deram o direito.

Masturbei meu corpo inteiro
Em busca de um céu
Que já estava no chão
Cansei, casei e cá sei
É a seca rompendo as solas
Dissecando as solas dos caminhos
Nos quais nem andei

Retiro os pés
Ponho a voz a percorrer
Um hedonismo sedentário.

XIX

A gente se adota
E se sente dotado
De força.

Depois a gente se abandona
E deixa de ser dono.

Ninguém curará minhas orfandades.

Porque os seios secos
Me encham de mágoa
Não me afagaram
Minha vingança:
não me afoguei.